

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: ENSINO DE
LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS

ANDRÉ LUIZ AMANCIO DE SOUSA

DIVERSIDADE DE GÊNEROS vs. UNIDADE TEMÁTICA NA
PRÁTICA DE PRODUÇÃO DE TEXTOS

Belo Horizonte

2012

ANDRÉ LUIZ AMANCIO DE SOUSA

**DIVERSIDADE DE GÊNEROS vs. UNIDADE TEMÁTICA NA
PRÁTICA DE PRODUÇÃO DE TEXTOS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Ensino de leitura e Produção de Textos do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Gláucia Muniz Proença Lara.

Belo Horizonte

2012

FICHA CATALOGRÁFICA

SOUSA, André Luiz Amancio de.

Diversidade de gêneros vs. unidade temática na prática de produção de textos. André Luiz Amancio de Sousa. Belo Horizonte-2012.

44 Páginas.

Trabalho de Conclusão de Curso. (Monografia – Especialização) Faculdade de Letras - Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa: Ensino de Leitura e Produção de Textos, 2º Semestre de 2012.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Gláucia Muniz Proença Lara

DIVERSIDADE DE GÊNEROS vs. UNIDADE TEMÁTICA NA PRÁTICA DE PRODUÇÃO DE TEXTOS

Esta monografia foi julgada adequada à obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa e aprovada em sua forma final pelo Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Ensino de Leitura e Produção de Textos do Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

Belo Horizonte, 18 de outubro de 2012.

Prof^a. Dr^a. Carla Leila Oliveira Campos

Prof. Clebson Luiz de Brito

Assinatura da orientadora

A meus filhos, Arthur e Bernardo, dos
quais usurpei o tempo necessário para
a efetivação deste projeto.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus que me garantiu saúde física e mental para suportar a carga de trabalho e estudo a qual me propus neste período;

Aos professores que me auxiliaram nessa empreitada de busca pela compreensão dos processos cognitivos, históricos e sociais relacionados à leitura e à escrita; em especial, à minha orientadora, professora Glaucia Muniz Proença Lara, que me incentivou, foi compreensiva e tolerante com as minhas muitas dificuldades;

À direção, coordenação e grupo de Professores que compõem a Escola Municipal “Professor Domingos Diniz”, bem como os adolescentes e seus familiares que participaram deste projeto;

Aos colegas de sala e amigos que percorreram comigo todo esse trajeto, compartilhando dores, alegrias e conhecimento e auxiliando-me no objetivo de me tornar um melhor profissional e, possivelmente, um melhor ser humano.

Em especial, aos colegas de curso Fabrício, Marriene, Márcia, Lucimar, Luciana e Tatiane que tornaram menos penosos os períodos de férias que frequentamos juntos este curso de especialização.

“A Coisa

A gente pensa uma coisa, acaba escrevendo outra e o leitor entende uma terceira coisa... e, enquanto se passa tudo isso, a coisa propriamente dita começa a desconfiar que não foi propriamente dita.”

(Mário Quintana)

RESUMO

A presente pesquisa tem como eixo norteador o trabalho com os gêneros textuais em sala de aula em um movimento reflexivo de se (re) pensar as propostas pedagógicas na escola onde foi desenvolvido. A base dessa reflexão foi pautada no trabalho com produção de textos de gêneros diferentes, mas com ênfase em uma unidade temática específica. Essa metodologia visa ao aprimoramento, por parte do aluno, do processo da escrita, bem como a ampliação de seu repertório literário, com o objetivo maior de levá-lo a abordar, discutir e refletir sobre as etapas de construção de alguns gêneros textuais, minimizando, nesse sentido, os impactos de um sistema perverso que, adotando um viés mais normativo no trabalho com os gêneros, acaba por inviabilizar a formação de leitores e escritores proficientes.

Palavras-chave: gêneros textuais, unidade temática, ensino-aprendizagem.

RESUMEN

La presente pesquisa está guiada por el trabajo con los tipos de textos en el aula en un movimiento reflejo de (re) pensar las propuestas de la escuela donde la enseñanza se ha desarrollado. La base de esta reflexión se fija en el trabajo con la producción de textos de diferentes géneros, pero con un énfasis en una unidad temática específica. Esta metodología tiene como objetivo la mejora del estudiante en lo que respecta al proceso de la escritura, así como la ampliación de su repertorio literario con el objetivo principal de llevarlo a abordar, discutir y reflexionar sobre las etapas de la construcción de algunos géneros textuales, reduciendo al mínimo, en este sentido, los impactos de un sistema perverso que, adoptando una línea más normativa en el trabajo con los géneros, termina por inviabilizar la formación de lectores y escritores proficientes.

Palabras clave: géneros textuales, la unidad temática, la enseñanza y el aprendizaje.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO 1: Justificando a pesquisa e apresentando o referencial teórico	04
1.1 Gênero e Tipo Textual: Reflexões	04
1.1.1 O conceito de gênero em Bakhtin	04
1.1.2 O conceito de gênero em Marcuschi	05
1.1.3 O conceito de gênero em Charaudeau	06
1.1.4 Questionamentos sobre a noção de gênero	07
1.2 Unidade Temática	08
1.3 Justificando a pesquisa	10
CAPÍTULO 2: Descrição do contexto e da prática de produção de texto	12
2.1 Público-alvo	12
2.2 Disciplinas envolvidas, tempo previsto e objetivos	13
2.3 Descrição e avaliação das atividades	15
2.4 Discussão dos resultados	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28
ANEXOS.....	30

INTRODUÇÃO

Historicamente, o ensino tradicional da língua materna pode ser caracterizado por seu feitiço predominantemente normativo e conceitual. Esse tratamento privilegiado da forma se faz visível na atenção especial dedicada, por exemplo, à ortografia e à sintaxe.

Segundo Costa (2000), na década de 1970 e, sobretudo a partir dos anos 1980, a hegemonia dessa concepção formalista passou a ser contestada com o surgimento de teorias inspiradas no sociointeracionismo, nas teorias da enunciação e do discurso e na linguística textual.

De acordo com essas teorias, a prática linguística seria uma forma de interação entre sujeitos, e o texto, o resultado dessa interação. Assim, além das formas linguísticas, passam a ser estudadas, com interesse crescente, as relações entre essas formas e seu contexto de uso, suas condições de produção e os processos mentais de todos esses elementos utilizados pelos sujeitos falantes.

Desse modo, o ensino da língua – antes conceitual e normativo – passa a ser centrado no uso e no funcionamento da língua enquanto sistema simbólico, situado num contexto sócio-histórico determinado. É a partir dessa compreensão que, de acordo com Costa (2000), se formula a expressão “produção de texto”, com a qual se pretende evidenciar o ato, o processo de elaborar/escrever um texto.

Seguindo a perspectiva de Costa (2000), Cafiero (2005, p. 9) afirma que:

para ser considerado competente em Língua Portuguesa, o aluno precisa dominar capacidades que o habilitem a viver em sociedade, resolvendo com competência seus problemas no uso da linguagem. Isto é, o aluno precisa saber compreender e produzir os textos orais e os textos escritos que circulam socialmente.

É fundamental, então, que o aluno aprenda a escutar, a falar, a ler e a escrever textos em situações de comunicação as mais diversas. Escutar e falar textos de uso privado, como os textos familiares, os alunos já sabem. Basta conviver com crianças e adolescentes para perceber o quanto eles são competentes em suas interações cotidianas. Como eles se entendem, como eles falam! Todavia,

escutar e falar os textos de uso público, aqueles em que é necessário usar um registro de linguagem mais formal, observar regras de polidez (como ao participar de debates), compreender e apresentar trabalhos, entre outros gêneros orais, o aluno deve aprender na escola. Ler e escrever, por sua vez, também são competências desenvolvidas prioritariamente na/pela escola. Tanto os textos escritos de uso mais familiar, como bilhetes, cartas e cartões, quanto os textos de domínio público, como o artigo, a notícia, a reportagem, o conto e a crônica são aprendidos na escola.

Em síntese, à escola cabe ensinar a falar e escutar os textos orais de uso público e ensinar a ler e escrever todo e qualquer texto. O que está se pressupondo é que para ser competente em Língua Portuguesa é preciso ter habilidade em lidar com os diversos gêneros textuais que tomam parte nas nossas interações sociais, porque é por meio deles que nos comunicamos.

Em função desse quadro, o objetivo central deste trabalho é abordar a prática de produção textual sob uma perspectiva que viabilize o aprendizado sem, necessariamente, se fixar na gramática normativa. Essa proposta busca, pois, que o aluno leia e escreva determinados gêneros textuais que se inter-relacionam com uma temática específica, eleita com base no conhecimento prévio da turma. Espera-se que, ao final do processo, os alunos sejam capazes de produzir textos que serão agrupados em suporte adequado para compor o acervo da biblioteca da escola.

Assim, escolhida a temática, referente ao contexto religioso dos alunos, a saber, baseada na história bíblica da Arca de Noé, a produção se inicia com a de leitura do texto bíblico numa versão mais antiga confrontando-a com outra versão mais atual. Posteriormente, serão feitas leituras de outras versões dessa narrativa bem como, a produção de gêneros textuais que se correlacionam com a unidade temática escolhida.

Ainda acerca dessa proposta, cabe esclarecer que a unidade temática escolhida refere-se à questão de cunho religioso por ser esse um assunto que predomina no contexto sociocultural da maior parte do alunado. Essa constatação se deveu ao fato de que as crianças vêm sendo acompanhadas

por uma mesma equipe de professores desde o início do 2º ciclo (antiga 3ª série).

Com o intuito de apresentar o desenvolvimento dessa proposta, o presente trabalho está estruturado da seguinte maneira. No capítulo 1, abordaremos alguns autores os quais discutem a questão dos gêneros textuais para, posteriormente, elegermos o conceito que consideramos mais adequado. Também se discute nessa parte a noção de unidade temática. Definir esses conceitos faz-se necessário para embasar teoricamente a prática que se propõe nesta pesquisa. Já no capítulo 2, falaremos do público alvo, das disciplinas envolvidas, bem como acerca das atividades desenvolvidas e que resultados obtivemos ao final.

CAPÍTULO 1: JUSTIFICANDO A PESQUISA E APRESENTANDO O REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, será apresentado o referencial teórico que subsidia o presente trabalho e serão abordadas as motivações que justificam a aplicação e o desenvolvimento do projeto descrito em sala de aula.

1.1. Gênero e tipo textual: reflexões

Analisando os conceitos de gênero textual existentes na academia sempre se depara com questões complicadas. Os próprios documentos educacionais oficiais de Língua Portuguesa, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), apresentam problemas, uma vez que, muitas vezes, recorrem a uma mistura de conceitos oriundos de vertentes teóricas distintas no que se refere à temática de gêneros.

Disso decorre que a escolha de um referencial teórico é fundamental para a caracterização de um determinado gênero. Isso, de certa forma, resolve ou, pelo menos, minimiza, alguns problemas conceituais, visto que, em se tratando de conceitos teóricos, alguns podem caminhar na mesma direção, enquanto outros se distanciam a ponto de não poderem coexistir em um mesmo estudo.

Dessa forma, cabe aqui esboçar um breve panorama teórico sobre alguns conceitos de gênero textual/discursivo¹ difundidos no meio acadêmico e tecer algumas considerações sobre eles, antes de optar por um ou por outro. Apresentaremos e problematizaremos, portanto, os conceitos de gêneros de Bakhtin (2000), Marcuschi (2002) e Charaudeau (2004), para, em seguida, delinear a concepção de gênero que assumimos neste trabalho.

1.1.1. O conceito de gênero em Bakhtin

Para Bakhtin (2000, p. 279), “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” que são os “gêneros do discurso”.

¹ Entendendo o texto como a materialização do discurso através da linguagem, não distinguiremos aqui gêneros textuais de gêneros discursivos, tomando-os como equivalentes.

Podemos entender, com isso, que um enunciado (texto)² organizado e dotado de certa estabilidade, ancora-se em um gênero do discurso.

O autor divide os gêneros em primários, aqueles advindos de uma circunstância de comunicação verbal espontânea, e secundários, os oriundos de uma comunicação verbal mais elaborada, principalmente escrita. Portanto, por serem, em tese, mais complexos – já que exigem maior reflexão – os gêneros secundários tornam-se objeto de ensino, diferentemente dos primários.

Quanto à caracterização dos gêneros de discurso, Bakhtin (2000) considera que o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo (verbal) são os traços que permitem identificar todo e qualquer gênero, totalidade que, para ele, não é passível de delimitação formal, dada a sua natureza.

Em sua noção de gênero, Bakhtin analisa a produção e a compreensão de textos, incorporando elementos da ordem do social e do histórico, ou seja, no seu entender, os gêneros são regulados e constituídos sócio-historicamente. Assim, as palavras, inseridas em um determinado gênero, recebem uma expressividade própria desse gênero, já que cada um deles possui um destinatário ideal e está imerso em um arcabouço histórico-social específico.

1.1.2. O conceito de gênero em Marcuschi

De acordo com Marcuschi (2002, p. 23), o gênero textual pode ser entendido como “uma noção propositalmente vaga para se referir a textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdo, propriedades funcionais, estilo e composição característica”. Existem, portanto, em número ilimitado.

Faz-se aqui necessário definir também a noção de tipo textual, visto que, em suas pesquisas, o autor contrapõe o conceito de *tipo de texto* ao de *gênero textual*. Nessa perspectiva, *tipo* seria

² O conceito de enunciado desse autor, como sendo a “unidade da comunicação verbal” (cf. BAKHTIN, 2000, p. 289) muito o aproxima da concepção atual de texto, razão por que usaremos um (texto) pelo outro (enunciado).

uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção (MARCUSCHI, 2002, p. 22).

Como se vê na definição acima, os *tipos*, ao contrário dos gêneros, existem em número limitado e, além disso, na sua condição de sequências linguísticas, entram na composição dos gêneros. O autor entende, assim, que *gênero* e *tipo* são elementos distintos e, como tais, precisam ser diferenciados. Segundo ele, a expressão “tipo de texto”, muito empregada nos livros didáticos e no nosso dia a dia, é usada equivocadamente em lugar de gênero. Assim, “quando alguém diz, por exemplo, a ‘carta pessoal’ é um tipo de texto informal, ele não está empregando o termo ‘tipo de texto’ de maneira correta e deveria evitar essa forma de falar.” (MARCUSCHI, 2002, p. 25).

O pesquisador enfatiza também que existem quatro fases de aparecimento dos gêneros na sociedade. A primeira fase corresponde ao momento em que os gêneros eram essencialmente orais (eram, então, poucos). A segunda fase corresponde ao momento em que houve o aparecimento da escrita alfabética, no século VII a.c. (os gêneros aumentaram um pouco mais). A terceira fase, por sua vez, refere-se ao aparecimento da imprensa e da industrialização no século XV, fato esse que propiciou a multiplicação dos gêneros. Por fim, a quarta fase, denominada cultura eletrônica, refere-se ao advento da televisão, do rádio e da internet, pois estes criaram, em conjunto, uma explosão de novos suportes que produziram, conseqüentemente, uma infinidade de novos gêneros textuais /discursivos.

1.1.3. O conceito de gênero em Charaudeau

Por sua vez, Charaudeau (2004, p. 15) define os gêneros textuais como construtos sociais que determinam os “domínios da palavra”. No seu entender, para a compreensão dos gêneros, é preciso levar em conta três aspectos: 1) a ancoragem social do discurso (restrições situacionais); 2) sua natureza comunicacional (tipos de atividades languageiras envolvidas – as restrições discursivas); 3) as recorrências de marcas formais (restrições formais).

A ancoragem social do discurso tem a ver com o fato de que cada sociedade (ou comunidade discursiva) formou, a partir de uma necessidade comunicativa, diversos gêneros – orais e escritos. Já no que diz respeito à natureza comunicacional, entende-se que os gêneros são formados por tipos textuais e certas características formais e situacionais que se organizam a partir da complexidade e do nível de estruturação discursiva de uma prática social existente. O último item, relacionado à recorrência de marcas formais, merece algumas considerações.

De acordo com alguns teóricos (como o já citado Marcuschi), as marcas formais, por si sós, não determinam um gênero. Isso porque uma mesma forma, pelo fenômeno linguístico da *polissemia*, pode não apresentar um mesmo significado. Uma outra razão, tão pertinente quanto a primeira, diz respeito à classificação das marcas formais: afinal, elas são exclusivas ou específicas de um gênero? Charaudeau (2004) dirá que, se forem marcas exclusivas de um gênero, toda vez em que elas surgirem fundarão um novo gênero; se, por outro lado, forem marcas específicas de um gênero, conseguiremos agrupar gêneros semelhantes, de domínios discursivos diferentes, desde que tenham marcas formais em comum – poderíamos, por exemplo, agrupar os textos do domínio jornalístico com os textos do domínio administrativo.

Em meio a essa problemática, pode-se entender que as marcas formais, juntamente com outras regularidades, ajudam na identificação de um gênero, mas não são elementos decisivos nessa tarefa. É a função que detém essa prerrogativa. Assim, um anúncio publicitário que se apresente sob a forma de uma receita de cozinha (e, conseqüentemente, incorpore as marcas desse outro gênero) continuará sendo um anúncio, uma vez que a função de vender um dado produto (serviço, ideia) se manterá, apesar do novo formato.

1.4.4. Questionamentos e comentários sobre a noção de gênero

Ao analisar os conceitos de gênero veiculados pelos três autores citados, percebemos, inicialmente, que todos eles se referem ao social, pois é esse

elemento, que fundamentalmente possibilita a existência dos gêneros textuais/discursivos. Por outro lado, observamos que a conceituação de gênero apresenta uma série de complicações teóricas que nos obrigam a realizar escolhas (para fugir delas ou minimizá-las).

Assim, diante de todas as problemáticas abordadas, optamos pela abordagem de Charaudeau (2004), que nos parece mais acessível e completa para o ensino, pois indica mais claramente a vinculação do gênero à sociedade, em detrimento de aspectos formais. Para nós, portanto, gênero textual/discursivo pode ser entendido como uma variedade específica e estável de texto materializado que circula socialmente em nossa vida diária e que apresenta características sócio-comunicativas definidas através de sua finalidade e de suas peculiaridades – restrições situacionais, discursivas, e formais – que são socialmente compartilhadas e compreensíveis entre os sujeitos participantes de uma troca comunicativa.

1.2. Unidade temática

Além dos conceitos de gênero apresentados e discutidos anteriormente, é necessário abordar o conceito de unidade temática, já que essas duas perspectivas se articulam no presente trabalho. Nesse sentido, retomamos aqui a teoria mais comumente difundida.

Muitas são as dificuldades que alunos enfrentam para garantir que o texto produzido tenha uma organização coerente, capaz de produzir, no leitor, os efeitos desejados. Uma das razões, por sinal, histórica, vem de uma tradição de ensino que privilegia a forma em detrimento do conteúdo. Assim, além de não aprender a articular as ideias em seu texto (entre si e com o conhecimento de mundo do leitor), de modo a fazer com que o assunto tratado tenha unidade, o aluno fica igualmente privado de entender: primeiro, que há regularidades em certas tematizações, o que facilita a produção de determinados gêneros; segundo, que não existe, apesar das regularidades, um modo único de textualizar; pelo contrário, há possibilidades de exploração de modos variados de organização do texto no processo de tematização. Além disso, o educando deve perceber, que o produtor pode inclusive optar por não apresentar um

texto dentro do tema em foco, seja por não querer responder ao que lhe foi perguntado, seja para produzir outros (novos) efeitos de sentido.

A questão maior é, pois, a de persuadir o outro (já que não produzimos textos de forma neutra). Para tanto, entre outras coisas, é preciso que o aluno entenda como um dado tema é organizado, articulado, diagramado, que informações deve conter, como ele pode atingir o público-alvo. Isso porque a escolha e a mobilização de um tema resultam, em última análise, da interação entre o produtor e o receptor, de modo que o perfil do leitor passa a definir modos de organização mais ou menos estáveis.

É importante que o aluno entenda que o texto não significa por si só. Ele precisa produzir, como resultado da tematização, a própria coerência, a partir de uma lógica interna, sem, é claro, perder de vista a lógica externa: a relação texto/mundo). Precisa organizar os conceitos, as ideias, estabelecendo relações entre elas, de modo que o texto, apresentando uma configuração conceitual aceitável, seja entendido. Sem esses conhecimentos, muito provavelmente, o aluno poderá até “organizar” textos (ou simular que o faz), mas, dificilmente, produzirá sentido, fazendo-se entender, comunicando-se verdadeiramente. É preciso tornar explícitos os mecanismos de textualização e, dentro deles, o da tematização. Trata-se de uma das habilidades mais requeridas no nosso tempo, algo necessário às nossas interlocuções diárias, não só na modalidade escrita, como na modalidade oral.

O que se entende, nesta monografia, como *Unidade Temática* tem a ver com o uma ideia mais ampla, abrangente, que abarca discussões pertinentes e transdisciplinares, possibilitando um enriquecimento quanto ao conhecimento de mundo do aluno e, conseqüentemente, uma maior capacidade discursiva. Isso, por sua vez, pode interferir na qualidade da produção de textos de gêneros variados. Desse modo, *Unidade temática* aqui passa a representar um modo de organização de trabalho, na qual os textos a serem produzidos devem abordar um mesmo assunto, no caso específico, a temática religiosa da Arca de Noé.

Faz-se, então, necessário que o aluno identifique o tema a ser abordado; saiba levantar estratégias e argumentos que sejam pertinentes para o desenvolvimento do gênero a ser produzido, entenda a importância dos elementos verbais e não-verbais para a produção e a compreensão/interpretação do texto. Nesse sentido, pode-se afirmar a importância de o aluno conhecer, antes de tudo, os critérios que contribuem para a coerência textual e saber que esses critérios se diferenciam, a depender da modalidade textual (falada ou escrita) e do gênero escolhido.

1.3. Justificando a pesquisa

A temática escolhida para esta pesquisa partiu da crítica feita pela professora de Língua Portuguesa e Literatura do 3º ciclo que considerou que a religiosidade tem uma forte influência na vida social dos alunos, afetando-os profundamente, nem sempre de modo positivo, no que tange ao desenvolvimento da argumentação e de ideias relativas aos textos até então trabalhados em sala de aula.

Nessa perspectiva, partimos da experiência prática ou do conhecimento prévio da maior parte dos alunos, neste caso, os alunos do final do 2º ciclo (antiga 5ª série), em relação à religiosidade, buscando, com isso, propiciar um ambiente favorável à apreensão das habilidades necessárias para a elaboração de textos escritos, enfatizando, nesse caso, gêneros com predominância do tipo narrativo. Pretendíamos, dessa forma, criar condições para que esses alunos se empenhassem na realização consciente de um trabalho linguístico que realmente tivesse sentido para eles.

Assim, à medida que a proposição de produção textual se tornasse mais clara e definida, com a apresentação das “coordenadas” do contexto de produção, esperávamos que os aprendizes pudessem sentir que realmente estavam escrevendo textos para um leitor real, interessado no que eles teriam a dizer sobre determinado tema, e não apenas para o professor (um avaliador, por excelência), minimizando-se, dessa forma, a artificialidade da produção textual tão presente no cotidiano da escola.

Com o objetivo de trabalhar a diversidade de textos em situações concretas e reais de comunicação e possibilitar aos alunos o acesso a gêneros variados, mas voltados para uma temática central, apresentaremos no próximo capítulo, a proposta de produção de textos em sala de aula que desenvolvemos com alunos do 3º ano do 2º ciclo (antiga 5ª série) da Escola Municipal “Professor Domingos Diniz”. Em outras palavras, essa proposta consiste em possibilitar que o aluno produza alguns gêneros textuais (resumo, poesia, narrativa, por exemplo) sem, contudo, perder o foco em relação ao tema central abordado.

Nesse caso, cabe ressaltar que a pesquisa desenvolvida insere-se na metodologia da pesquisa-ação, na qual “a ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos” (TRIPP, 2005, p. 445)³.

³ Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2012.

CAPÍTULO 2: DESCRIÇÃO DO CONTEXTO E DA EXPERIÊNCIA DE PRODUÇÃO DE TEXTOS

Apresentamos neste capítulo o perfil do público alvo, os objetivos que compõem esta pesquisa, assim como o desenvolvimento da prática do trabalho em sala de aula.

2.1. Público-alvo

A Escola Municipal “Professor Domingos Diniz” localiza-se no bairro Parque São João, em Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte. O bairro onde se situa a escola é de periferia, com todos os problemas peculiares a esse tipo de ambiente: violência, pobreza, baixo índice de escolaridade entre os habitantes, que vivem de subempregos.

A escola funciona por Ciclo de Formação. Não se trabalha com alunos do 1º ciclo que são atendidos em outra unidade municipal próxima. À noite, há a Educação de Jovens e Adultos (EJA) que oferece, por meio do ensino de suplência (semestral), todas as etapas da educação básica.

A E.M. “Professor Domingos Diniz” funciona com 14 turmas, no turno da manhã (das 7 h às 11h 25); 13, no turno da tarde (das 13 h às 17h 25) e 6 no turno da noite (das 18h 20 às 22h 30), totalizando 944 alunos. Há 8 professores que atuam no 1º e no 2º ano do 2º ciclo e 18 professores que lecionam no 3º ano do 2º ciclo e no 3º ciclo. Os funcionários administrativos, por sua vez, são em número de 16.

A pesquisa foi desenvolvida, no período de março a maio, nas cinco turmas do final do 2º ciclo (antiga 5ª série), que contam com 163 alunos frequentes, sendo 78 meninas e 85 meninos, de faixa etária entre 10 e 15 anos⁴. No entanto, por razões de praticidade e tempo, serão apresentados aqui os dados de apenas um grupo de uma dessas turmas (vide anexo 2). A escolha foi aleatória, visto que as turmas são homogêneas e têm a mesma média de alunos, bem como a mesma quantidade de aulas de Língua Portuguesa.

⁴ Nesse sentido, os alunos e seus pais preencheram um termo de consentimento livre e esclarecido (vide anexo 4), conforme exigência do Comitê de Ética da UFMG.

Os alunos do final do 2º ciclo, em geral, foram avaliados, inicialmente, pelos professores como sujeitos desinteressados em relação às discussões propostas, sendo necessária a intervenção do mestre para que eles contribuíssem com sugestões. Outros aspectos levantados dão conta de que a maioria deles apresenta comprometimento na apreensão dos conteúdos referentes a essa etapa do ciclo e alguns têm ainda problemas relacionados à disciplina. Além disso, eles se expressam oralmente em um registro bastante informal, repleto de gírias e expressões oriundas do seu contexto sociocultural; interpretam textos com dificuldade e têm baixo desempenho na escrita, considerando-se não apenas questões mais pontuais (como ortografia), mas também aspectos mais amplos (como coerência).

2.2. Disciplinas envolvidas, tempo previsto e objetivos

Cada uma das 5 turmas do 3º ano do 2º ciclo (antiga 5ª série) tem três aulas semanais de Português, sendo uma delas referente ao uso da biblioteca. Em contrapartida, há três aulas de Ensino Religioso também. Em vista do pequeno número de aulas de português, julgamos necessário fazer uma parceria com a professora responsável pelo Ensino Religioso, com o objetivo de buscarmos o aprimoramento da produção textual dos alunos. Adotamos, assim, uma perspectiva interdisciplinar.

No entanto, a professora da referida disciplina não participou ativamente do desenvolvimento desse trabalho. A docente foi convidada a abordar a temática bíblica, *A Arca de Noé*, em algumas de suas aulas. Também deveríamos estar juntos em determinados momentos de suas aulas para efetivação do projeto, mas, na maioria das vezes, a mesma utilizava esse tempo para resolver questões burocráticas como as relativas ao preenchimento do diário eletrônico. Ainda assim, se entende essa proposta como interdisciplinar visto ter sido utilizado um conteúdo específico e as aulas referentes ao Ensino Religioso com intuito de se abordar questões relativas à produção textual, conteúdo esse mais privilegiado pela disciplina de Língua Portuguesa.

O trabalho foi realizado em um período de mais ou menos 20 aulas (10 aulas geminadas), ou seja, em média três meses de aula, considerando-se o suporte das três aulas semanais dadas pela professora de Ensino Religioso ou compartilhadas com ela, com o objetivo maior de, partindo do conhecimento prévio dos alunos acerca das questões religiosas, levar os alunos ao aprimoramento de suas habilidades de leitura e produção de textos, em especial, daqueles ancorados em gêneros, com predominância do tipo textual narrativo.

O tipo narrativo foi escolhido, para desenvolvimento deste projeto, por ser esse o tipo mais predominante nos gêneros abordados em salas de aula dos 1º e 2º ciclos. Também, na etapa do ciclo (3º ano) em que se desenvolveu este trabalho, é recomendado pela Secretaria Municipal de Educação do Município de Contagem, por meio da *Matriz de Referência Curricular de Língua Portuguesa para o 2º ciclo*, uma abordagem com gêneros textuais nos quais se predomine esse tipo textual, o narrativo, de acordo com o que se apresenta, por exemplo, no Descritor 44 (Identificar elementos que compõem a narrativa) visando, desse modo, o domínio de determinadas expectativas como encontramos em (X08685): Identificar as características que estruturam a sequência narrativa.

Este projeto tem ainda um objetivo central, a saber, partir do conhecimento prévio dos alunos acerca das questões religiosas para exploração e apreensão das habilidades de leitura e produção de textos a partir da abordagem da percepção do funcionamento da linguagem escrita, em especial, os gêneros em que predomine o tipo narrativo.

Esse objetivo maior desdobra-se em outros, como: 1) possibilitar aos alunos a vivência de situações comunicativas que os levem a compreender as diferenças e semelhanças entre gêneros orais e escritos; 2) considerando a dificuldade maior que eles apresentam na produção de textos escritos, promover atividades de reflexão sobre essa modalidade (desde a grafia das palavras e a pontuação, até questões relacionadas à coerência e à ordenação das ideias); 3) possibilitar aos estudantes acesso a diferentes gêneros, sobretudo aqueles mais elaborados (gêneros secundários, no entender de

Bakhtin), como é o caso da literatura; 4) oportunizar momentos em que os alunos se assumam como *autores*, agindo linguisticamente com mais autonomia, segurança e propriedade; 5) socializá-los por meio de trabalhos *em grupo*, seminários etc e ampliando sua criticidade frente à temática abordada em sala.

2.3. Descrição e avaliação das atividades

Dentro da proposta esboçada anteriormente: leitura e interpretação oral/escrita de textos de diferentes gêneros do tipo narrativo, mas que abordem a mesma temática religiosa (no caso, o episódio bíblico da Arca de Noé), os textos escolhidos foram os seguintes⁵:

Livro de *Gênesis* (Bíblia Sagrada); capítulos 6, 7, 8, 9 e 10;

Arca de Noé, de Ruth Rocha;

Arca de Ninguém, de Mariana Caltabiano;

Canção e poema *Arca de Noé*, de Vinícius de Moraes;

Filme: *A Era do Gelo*.

As atividades de leitura e produção a partir de tais textos, articulando as disciplinas de Português e Ensino Religioso, como já foi dito, foram propostas ora individual, ora coletivamente e culminaram com a confecção de livros pelos alunos que foram entregues à biblioteca para a “Caixinha de leitura” da escola, com a finalidade de serem lidos, futuramente, por outros alunos, em especial, aqueles do início do segundo ciclo, ou seja, alunos na faixa etária de 8 e 9 anos. A seguir, fazemos um breve relato de como foi desenvolvida nossa proposta aula por aula.

Aula nº 1:

Objetivo: Levar os alunos a refletir sobre o grau de formalidade da história de Noé narrada pelo texto bíblico e por Ruth Rocha.

Etapas:

- a) Apresentação da proposta de trabalho.

⁵ Os textos completos encontram-se no anexo 1.

- b) Levantamento do conhecimento prévio dos alunos acerca da Bíblia Sagrada.
- c) Leitura, em grupo, dos capítulos 6 a 10 do livro do Gênesis (sobre o dilúvio e a arca de Noé).
- d) Produção de um resumo com base no texto do Gênesis em uma versão mais formal e outra versão mais atualizada do episódio bíblico.
- e) Discussão, no grande grupo, sobre a(s) diferenças(s) entre as duas versões apresentadas.
- f) Leitura individual do texto de Ruth Rocha sobre a mesa temática.

Metodologia / avaliação:

A proposta de abordagem de temática religiosa com a perspectiva de se produzirem textos foi apresentada aos alunos. A maior parte considerou tal proposta interessante e se dispôs a participar das atividades. Depois de uma sondagem inicial sobre o conhecimento que os alunos teriam da Bíblia, eles leram, em grupos, os capítulos 6 a 10 do livro do Gênesis, que adotam um registro mais formal da língua. No entanto, embora a grande maioria conseguisse compreender o tema global, que se referia à história da Arca de Noé, muitos não conseguiram fazer um resumo da história apenas com o texto dado, sendo necessário, portanto, a introdução de outra versão bíblica em uma linguagem mais atualizada. Em seguida, o texto de Ruth Rocha foi entregue para uma leitura individual em casa, a ser retomada na aula seguinte destinada ao desenvolvimento deste projeto. Não foi possível abordá-lo nesse dia porque investimos tempo na discussão acerca do grau de formalidade dos textos bíblicos apresentados.

Aula n° 2:

Objetivo: Levar os alunos a refletir sobre o desenvolvimento das narrativas a partir do enfoque dado pelo autor e/ou narrador do texto.

Etapas:

- a) Retomada dos textos da aula anterior.

- b) Discussão sobre as possíveis intenções dos autores e seus presumíveis leitores nos textos já apresentados.
- c) Apresentação de livro escaneado de Mariana Caltabiano, *Arca de Ninguém*, que se remete à história de Noé sob outro ponto de vista.

Metodologia / avaliação:

Após uma releitura coletiva do livro de Ruth Rocha, os alunos foram incentivados a produzir uma tabela que mostrasse a diferença entre os textos bíblicos e a obra da autora. Como era de se esperar, os alunos classificaram o texto da versão mais formal da Bíblia como sendo “difícil e mais chato de se ler”. O texto bíblico de versão mais atualizada também foi considerado chato, porque, ainda que possuísse uma linguagem menos formal, ainda era muito grande, pouco resumido. Já o texto do livro infanto-juvenil apresentou, segundo os alunos, a história mais resumidamente sem, contudo, prejuízo das informações mais relevantes que pudessem comprometer a história original. Além disso, no seu entender, o texto de Ruth Rocha usou uma linguagem bem mais acessível.

O segundo livro, *Arca de Ninguém*, de Mariana Caltabiano, foi escaneado e apresentado à turma. Sua autora abordou outro ponto da história, referente à problemática das relações interpessoais dentro da arca, que não havia ainda sido mencionado nos textos anteriores. Os alunos ficaram mais interessados por causa do recurso audiovisual utilizado e pela facilidade da leitura. As ilustrações também contribuíram para uma melhor apreensão do sentido global do texto. Discutimos, a seguir, a quem seriam direcionados os textos e as possíveis intenções de seus autores.

Aula nº 3:

Objetivo: Levar os alunos a reconhecer a ideia central do texto e a problematizar, sem conceituar, a classificação rígida dos gêneros textuais.

Etapas:

- a) Entrega de folha xerocada com poesia *Arca de Noé*, de Vinícius de Moraes.
- b) Leitura silenciosa do texto.
- c) Discussão sobre o gênero textual.
- d) Apresentação da música de Vinícius de Moraes, com a mesma letra da poesia.
- e) Discussão acerca da categorização do texto, do ponto de vista do gênero, como poema ou canção.
- f) Produção da continuação da história.

Metodologia / avaliação:

Foi entregue aos alunos uma folha xerocada com a poesia de Vinícius de Moraes, *Arca de Noé*. Foi-lhes dito que leriam silenciosamente outra versão da história. Quando eles viram o formato do texto, duvidaram que se tratasse da mesma história. Após a leitura e o estranhamento inicial, nós os convidamos a escutar a poesia musicada, acompanhando com o texto em mãos, e a refletir sobre o gênero de um (o texto verbal escrito poema) e do outro (o texto sincrético verbal/sonoro canção). Discutimos, então, a narrativa bíblica, a das autoras Ruth Rocha e Mariana Caltabiano e o poema, em busca de diferenças (quanto aos gêneros) e semelhanças (quanto à temática).

Em grupos, os alunos produziram a continuidade da história em forma de poema, baseando-se nos textos bíblicos já trabalhados. Essa atividade foi caracterizada como muito complexa, visto que, até então, os professores não haviam trabalhado muito o gênero poema com os alunos do ponto de vista da leitura, muito menos a sua produção. Assim, não houve uma produção final que fosse realmente significativa atendendo ao que foi pedido e às especificidades do gênero textual.

Aulas nº 4, 5 e 6:

Objetivo: Levar os alunos a reconhecer semelhanças e diferenças entre o grau de formalidade de textos escritos e orais, bem como as características, usos e funções das duas modalidades da língua.

Etapas:

- a) Exibição do filme *A Era do Gelo* (aulas 4 e 5).
- b) Discussão sobre os possíveis objetivos e alcance filme em relação ao público-alvo.
- c) Reflexão sobre os níveis de formalidade na fala das personagens do filme.
- d) Discussão oral das seguintes questões para análise do livro *Arca de Ninguém* (M. Caltabiano) vs filme:
 - 1) No livro há o salvamento de animais por uma pessoa. Em que parte do filme há um animal salvando outro animal?
 - 2) Em que partes do filme há um animal salvando pessoas?
 - 3) No livro e no filme há um tipo de salvamento idêntico, envolvendo água. Qual é?
 - 4) Que parte do filme você mais gostou? Por quê?
 - 5) Em sua opinião, o que a história da Arca de Noé, considerando-se as diferentes versões apresentadas, e o filme *A Era do Gelo* têm ou não em comum?

Metodologia / avaliação

Para agilizar o trabalho, foi necessário que pelo menos duas turmas assistissem ao filme. Isso significa que a questão disciplinar comprometeu em muito um entendimento mais sistemático e crítico do filme. Ainda assim, foi entregue aos alunos uma folha com as questões acima descritas para que fizessem em casa para retomada na aula seguinte. As atividades foram corrigidas em sala oralmente e, a partir daí, foi feita uma tentativa de se estabelecer uma relação entre o filme e a história bíblica, em suas diferentes versões, observando-se, nesse caso, o grau de formalidade e a modalidade utilizada (oral / escrita), com suas especificidades. Os grupos, já formados, iniciaram, então, o processo de produção de sua própria versão do texto bíblico.

Aula n° 7:

Objetivo: Levar os alunos a produzir, em grupo, a partir dos textos lidos nas aulas anteriores, uma versão da história da arca de Noé.⁶

Etapas:

- a) Escrita coletiva de uma versão do texto bíblico já abordado, tendo em vista a confecção de um livro para circular na escola entre os alunos do início do segundo ciclo.
- b) Revisão do texto.

Metodologia / avaliação:

Escrita: Os alunos iniciaram a produção do texto de tipo narrativo. Nesse caso, eles poderiam, por exemplo, assumir o ponto de vista de uma das personagens envolvidas na história: mulher, filhos, noras de Noé ou de um dos animais, com narração em 1ª ou em 3ª pessoa, desde que enfatizassem o ponto de vista da personagem escolhida.

Revisão: A primeira versão do livro, produzida por cada grupo, foi trocada com outro grupo, para que este fizesse a revisão, sugerindo correções. Nessa etapa do trabalho, fez-se necessária a intervenção do professor, para levar os alunos a refletir não apenas sobre questões mais formais, como, por exemplo, ortografia e pontuação, regência ou colocação pronominal até aspectos mais ligados ao conteúdo, como coerência e articulação das ideias (coesão). Foi necessário ainda retomar os livros lidos, para que os alunos verificassem como se configura o texto em um livro, as possíveis normas envolvidas nessa configuração, a importância da adequação ao público-alvo etc. Por fim, o texto foi entregue ao professor para outras intervenções.

Aulas n° 8, 9 e 10:

Objetivo: Dar aos alunos tempo para finalizar a produção do texto e confeccionar o livro.

⁶ Exemplos de textos produzidos pela turma selecionada, nas várias etapas em que se desdobrou a experiência, encontram-se no anexo 2, assim como fotos dos alunos ao longo do processo (anexo 3).

Etapas:

- a) Produção da versão final do texto.
- b) Formatação do texto em livro para posterior utilização pelos alunos do início do segundo ciclo.

Metodologia / avaliação:

Reescrita: Os textos foram entregues aos respectivos grupos de autores, com a orientação de que eles fizessem a revisão/reescrita final, tomando por base as sugestões/alterações feitas pelos colegas e pelo professor. Nesse momento, coube-nos, na condição de professor da turma, avaliar: a) se os alunos haviam compreendido as sugestões de correção; b) se elas modificavam (melhoravam ou não) as ideias originais; c) se o grupo estava de acordo; e, além disso, mediar a discussão acerca dessas questões, a fim de sanar dúvidas quanto à revisão feita. Para tanto, fez-se necessário instigar o senso crítico do aluno, tanto durante a escrita quanto durante a revisão e a reescrita de modo que cada grupo chegasse a identificar os “problemas” e encontrasse possíveis soluções.

Na aula seguinte, auxiliamos na confecção do livro, dividindo o texto para ser encadernado e preparando-o para a etapa da ilustração. Para os alunos, não foi uma tarefa fácil dividir o texto, porque isso poderia comprometer o entendimento do conteúdo pelo público-alvo, as crianças do 1º ano do 2º ciclo.

Ilustração: Mais duas aulas (9 e 10) foram necessárias para essa etapa, que não poderia ter sido concluída sem o apoio da professora de Artes, que deu algumas sugestões quanto às técnicas de ilustração de uma obra. Além disso, discutimos com os alunos questões relacionadas à importância e ao sentido das ilustrações de um livro. Para lhes dar uma ideia mais precisa da responsabilidade do ilustrador, nós os levamos a pensar nas crianças que ainda não sabem ou estão aprendendo a ler, mas que poderiam ter contato com o livro produzido. Nesse caso, a ilustração funcionaria como um importante recurso na compreensão do texto. Depois de toda essa discussão, pedimos aos alunos que ilustrassem o livro que produziram. Essa etapa do trabalho foi mais desgastante e demandou mais tempo do que o previsto.

A turma que escolhemos para representar as demais neste relato da experiência desenvolvida (vide fotos em anexo), mostrou-se menos indisciplinada que as outras, motivando nossa escolha para aplicação e aferição de resultados relativos ao projeto em questão visto que, por esse motivo, pelo menos em tese, poderíamos avançar mais com a proposta e, conseqüentemente, obter resultados mais satisfatórios. Porém, esses alunos e alunas apresentaram significativa apatia e desmotivação e, em alguns momentos, exigiu-se a intervenção do professor, com maior freqüência, para que os trabalhos propostos fossem finalizados a contento.

2.4. Discussão dos resultados

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), o fracasso escolar no Ensino Fundamental reside no que se refere à leitura e a escrita. Sendo assim, torna-se necessária uma reestruturação no ensino de língua portuguesa, para poder garantir, de fato, a sua aprendizagem. Muitos trabalhos envolvendo a leitura e a produção textual já foram desenvolvidos, sendo necessário agora aplicá-los, para que efetivamente ocorra uma mudança e uma melhoria no ensino de Língua Portuguesa.

Nesse sentido, este projeto se constituiu enquanto possibilidade de intervenção nas aulas de português, mais especificamente, no trabalho com produção de textos em sala de aula no sentido de auxiliar no aprimoramento da habilidade da escrita. Para comprovar a ideia presente na trajetória desta pesquisa, analisaremos alguns exemplos de produções de textos realizados pelos alunos durante o processo.

A produção textual descrita abaixo é a escrita de um resumo do texto bíblico de gênesis (capítulos 6 a 10) como amostra das produções efetivadas em sala de aula. Para que os alunos realizassem essa produção, primeiramente foram feitas leituras do texto bíblico em duas versões, uma mais formal e outra com uma linguagem mais atualizada. Depois da leitura do texto que se referia ao relato da história de Noé e de uma discussão acerca do contexto sóciohistórico,

foi solicitado aos alunos que fizessem um resumo da história com o objetivo de recontá-la em palavras mais acessíveis e com um texto de menor extensão.

(Grupo 1; Resumo 1)

“Deus falou para Noe construir uma arca e levar um casau de cada animal ele falou com uns homens para irem para dentro da arca que ia acontecer um dilúvio. Eles não acreditaram. O dia do dilúvio chegou e os homens que não acreditaram em Noé e morreram afogados, e o dilúvio durou 40 dias.

Deus falou com Noe que o arco-iris simboliza a aliança de todo seres vivos na terra com Noe.”

É interessante perceber nessa atividade que a manipulação dos textos bíblicos nas duas versões apresentadas permite aos alunos a produção de um texto que se aproxime da estrutura e da forma do gênero solicitado, embora o gênero produzido seja diferente do gênero base, o primeiro é uma narração bíblica e o segundo, um resumo, há uma aproximação no resultado pelo tipo textual que é o narrativo.

Muito embora o texto 1 apresente problemas de ordem ortográfica como se vê, por exemplo, na falta de acentuação em “Noe” ou troca de *l* por *u* em “casau”, ou a falta de coesão entre os dois parágrafos, constata-se que o texto é do tipo narrativo. No entanto, o resumo não apresenta informações relevantes que se remetem ao texto original da história da Arca de Noé. A dificuldade aqui pode ser atribuída ao fato de que, neste momento, os alunos só leram o texto bíblico em versão mais formal e, portanto, escreveram mais se levando em conta seu conhecimento de mundo que o adquirido pela leitura feita em grupo causando, então, comprometimento quanto ao resultado final.

No exemplo 2, vemos um melhoramento na escrita da produção e se pode atribuir essa afirmação ao fato de que a turma, nesse momento, teve acesso ao texto bíblico em uma versão mais atualizada. Dessa forma, os alunos descobriram novas possibilidades de (re) criar seu próprio texto a partir da alteração de algum elemento estrutural do texto original ou da combinação entre eles.

(Grupo 1; Resumo 2)

“Quando os homens tiveram filhas, os filhos de Deus viram que elas eram belas. E as escolheram como esposas as que eles mais admiravam. Javé tinha outra opinião, pois ela não queria que a filha dele se junta-se com um homem.

Javé viu que havia muita maldade no coração do homem e arrependeu de ter criado o homem e desidiu acabar com o homem Mas Noé viu que o homem não era tão ruim. Noé era um homem bom, justo e honesto.

Deus iria mandar uma um dilúvio para matar a todos. Noé o pediu que não madar o dilúvio, então Deu o pediu para fazer uma arca com sua família.

Noé a construiu a arca com sua família sem, Cam, Jafé e sua mulher

Ele ficou muito tempo construindo a arca Até que ele a terminou. Noé colocou um casal de cada animal na arca. Ele navegou quarenta dias e quarenta noites.

Depois de muito navegar ele jogou uma pomba para ver se ela iria achar Terra firme.

E finalmente ele conseguiu avistar a terra, e foi assim que Noé salvou a todos.”

Ao se fazer uma análise da produção sobre seu nível de textualidade, tem-se: um texto coerente, pois ele possui uma organização lógica dos fatos apresentados, deixando o texto claro para o seu leitor; apresenta menos erros ortográficos se comparado ao resumo 1. Contudo, o mais importante a se destacar se refere ao nível de informatividade. Depois de trabalhar com as duas versões do texto bíblico, o grupo de alunos demonstrou-se apto a uma produção mais próxima ao texto base. Levando-se em consideração que para esta produção o gênero pedido também foi um resumo, o grupo conseguiu produzir, condensadamente, a história sem omitir, sequenciadamente, os fatos narrados de maior relevância para a compreensão do leitor.

Na versão do relato bíblico criada pelos alunos, também em grupos, percebeu-se mais disposição quanto a essa tarefa visto terem trabalhado com outras versões do relato da história de Noé. Após as leituras dos textos de Mariana Caltabiano, Ruth Rocha e Vinícius de Moraes, os alunos conseguiram compreender mais as possibilidades de se reescrever o relato bíblico sob outro viés, ora omitindo algumas informações que não prejudicassem a aproximação

entre sua produção e o texto base, ora preservando informações que fossem relevantes para essa identificação.

Também podemos inferir que a turma se sentiu mais preparada para acrescentar ao próprio texto outras informações que não aparecem no texto original, mas que não comprometessem a verossimilhança da narrativa. Pelo contrário, os novos dados acrescentados na versão produzida pelos alunos contribuíam para dar originalidade ao texto para, conseqüentemente, despertar interesse no leitor. (Ver versão final em anexo)

Importante ainda ressaltar que, após o planejamento e a escrita do texto, fez-se necessária a sua revisão e reescrita, pois esses processos fazem parte da composição da escrita. Assim, introduziu-se ao estudo o trabalho de reescrita de texto e, também, o trabalho com a gramática desenvolvida em sala durante as aulas de português.

Desse modo, na versão do texto bíblico criada pelo grupo de alunos constata-se um aprimoramento da habilidade da escrita, já que, ainda que o ensino de gramática não tenha sido prioritário, como tem sido tradicionalmente feito nas aulas de Língua Portuguesa, o grupo conseguiu identificar as grafias problemáticas com facilidade, mostrando a internalização que possui da modalidade escrita da língua, bem como produzir um texto coerente e coeso e que, ainda que contenha dados diferentes do texto base, conserva características que autorizam o leitor a remetê-lo ao texto bíblico da Arca de Noé.

Portanto, ainda que as dificuldades quanto à (in) disciplina tenham dificultado o trabalho desenvolvido durante o processo desta pesquisa, podemos inferir que a Unidade Temática na prática de produção de textos pode contribuir para um resultado mais satisfatório visto que os alunos, além de já possuírem o conhecimento de mundo em relação ao tema, terão acesso aos textos materializados em diversos outros gêneros textuais, ampliando-se seu repertório comunicativo e, conseqüentemente, sua capacidade de produzir textos mais significativos, coerentes e coesos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narração, juntamente com a descrição e dissertação, por muito tempo reinaram absolutas nas práticas de escrita da escola. Mais grave que a escolha de um trabalho pelo viés dos tipos textuais (e não dos gêneros) era a abordagem de textos “artificiais”, que em nada se pareciam com os textos que os alunos encontram em situações reais de leitura ou escrita. Além disso, não se consideravam as condições de produção (o contexto, o leitor), nem tampouco se refletia acerca da melhor forma de se colocar uma ideia no papel.

Para uma efetiva aproximação entre a produção escrita e as necessidades que o indivíduo enfrenta no seu dia a dia, o caminho ideal passa pela ênfase no desenvolvimento das competências dos leitores / escritores. Em outras palavras: é preciso levar a criança a participar, de forma mais eficiente, das práticas sociais que se relacionam com o ler e escrever, tarefa que, evidentemente, cabe a várias instâncias, inclusive (e talvez principalmente) à escola, dado o espaço maior que nela se abre para a reflexão sobre a língua, suas modalidades, seus usos etc.

Nessa perspectiva, a notícia que aparece no jornal, a receita que ensina a fazer um prato específico ou um pedido a um órgão público para uma determinada melhoria no bairro ou na escola e outras ações cotidianas são exemplos que mostram que cada gênero textual envolve uma finalidade, um suporte, um leitor, bem como estratégias específicas. Conhecer os aspectos envolvidos nesse processo é condição básica na escolha do quê e do como escrever. É com base nessa abordagem mais atual que podemos dizer, por exemplo, que as questões gramaticais não devem ser conteúdos prioritários nas aulas de português.

Foram essas questões que nos motivaram a realizar a experiência aqui relatada. Outro aspecto importante foi a mudança de foco do professor, que de mero corretor do texto do aluno passa a ser um leitor real, interessado naquilo que esse aluno tem a dizer sobre um determinado assunto. Tudo isso contribuiu para que os alunos, sujeitos da experiência, passassem a perceber que, na produção de um texto, é fundamental saber selecionar as informações

mais pertinentes e relevantes, eleger a variedade linguística adequada, escolher o suporte e pensar nas expectativas desse leitor “real” a quem o texto se dirige. Esses aspectos também devem ser avaliados quando, enquanto leitores, temos acesso a textos produzidos por outros.

De acordo com Schneuwly e Dolz (2004) , o trabalho com um gênero em sala de aula é o resultado de uma decisão didática que visa proporcionar ao aluno conhecê-lo melhor, apreciá-lo ou compreendê-lo para que se torne capaz de produzi-lo na escola ou fora dela. Foi, em suma, o que tentamos fazer, trabalhando em torno de uma temática (religiosa) central, que se desdobrou, no entanto, em diferentes gêneros. Com isso, acreditamos ter dado a nossa modesta contribuição não apenas para as turmas envolvidas na experiência, mas também oferecendo nossa proposta para que seja implementada, no futuro, por outros professores em outras escolas e níveis de ensino (com as devidas adaptações).

Podemos concluir, portanto, que produzir textos é um processo que envolve diferentes etapas: planejar, escrever, revisar e reescrever, adequando sempre esses aspectos ao gênero escolhido e ao tema em foco. Tais comportamentos são fundamentais para a produção escrita. O professor, nesse caso, tem um importante papel: o de mediar o processo no qual a turma aprende a selecionar e a organizar as ideias, maximizando o potencial dos recursos utilizados para uma produção de sentido mais eficaz.

REFERÊNCIAS:

- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros discursivos. In: _____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 279-326.
- CAFIERO, Delaine. *Interação autor-leitor por meio do texto*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2005.
- CALTABIANO, Mariana. *Arca de Ninguém*. São Paulo: Scipione, 2003.
- CHARAUDEAU, Patrick. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I.L.; MELLO, R. (org.). *Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p.13-41.
- CONTAGEM. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. *Educadores na rede – Contagem: a leitura e a escrita no 2º ciclo*. Belo Horizonte: CEALE/FAE/UFMG, 2007.
- COSTA, S. R. Oralidade e escrita e novos gêneros na Internet. In: *CDROM da III Conferência Sócio-Cultural*. Campinas: FE/UNICAMP, 2000.
- MARCUSCHI, Luis Antônio. Gêneros textuais e ensino. In: DIONÍSIO, Ângela *et al.* (orgs). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.
- ROCHA, Ruth. *Arca de Noé*. São Paulo: Ática, 1994.
- SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. *et al.* In: *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 21-39.
- THOMPSON, Frank Charles. *Bíblia de Referência Thompson: com versículos em cadeia temática*. São Paulo. Ed. Vida. 2000. 1753 p.

SITES CONSULTADOS:

<http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/era-do-gelo/era-do-gelo.asp>
Acesso em: 13 mar. 2012.

<http://www.angelsrecords.com.br/arca.htm>. Acesso em: 5 abr. 2012.

<http://www.caracol.imaginario.com/discoteca/arcadenoe/index.html#1980arca>.
Acesso em: 5 abr. 2012.

<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2012.

Anexo 1: Textos utilizados em sala

Texto 1 - Livro do Gênesis, Bíblia Sagrada (6-10)

Capítulo 6

1 E aconteceu que, como os homens começaram a multiplicar-se sobre a face da terra, e lhes nasceram filhas, 2 Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas; e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram. 3 Então disse o SENHOR: Não contenderá o meu Espírito para sempre com o homem; porque ele também é carne; porém os seus dias serão cento e vinte anos. 4 Havia naqueles dias gigantes na terra; e também depois, quando os filhos de Deus entraram às filhas dos homens e delas geraram filhos; estes eram os valentes que houve na antiguidade, os homens de fama. 5 E viu o SENHOR que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente. 6 Então arrependeu-se o SENHOR de haver feito o homem sobre a terra e pesou-lhe em seu coração. 7 E disse o SENHOR: Destruirei o homem que criei de sobre a face da terra, desde o homem até ao animal, até ao réptil, e até à ave dos céus; porque me arrependo de os haver feito. 8 Noé, porém, achou graça aos olhos do SENHOR. 9 Estas são as gerações de Noé. Noé era homem justo e perfeito em suas gerações; Noé andava com Deus. 10 E gerou Noé três filhos: Sem, Cão e Jafé. 11 A terra, porém, estava corrompida diante da face de Deus; e encheu-se a terra de violência. 12 E viu Deus a terra, e eis que estava corrompida; porque toda a carne havia corrompido o seu caminho sobre a terra. 13 Então disse Deus a Noé: O fim de toda a carne é vindo perante a minha face; porque a terra está cheia de violência; e eis que os desfarei com a terra. 14 Faze para ti uma arca da madeira de gofer; farás compartimentos na arca e a betumarás por dentro e por fora com betume. 15 E desta maneira a farás: De trezentos côvados o comprimento da arca, e de cinqüenta côvados a sua largura, e de trinta côvados a sua altura. 16 Farás na arca uma janela, e de um côvado a acabarás em cima; e a porta da arca porás ao seu lado; far-lhe-ás andares, baixo, segundo e terceiro. 17 Porque eis que eu trago um dilúvio de águas sobre a terra, para desfazer toda a carne em que há espírito de vida debaixo dos céus; tudo o que há na terra expirará. 18 Mas contigo estabelecerei a minha aliança; e entrarás na arca, tu e os teus filhos, tua mulher e as mulheres de teus filhos contigo. 19 E de tudo o que vive, de toda a carne, dois de cada espécie, farás entrar na arca, para os conservar vivos contigo; macho e fêmea serão. 20 Das aves conforme a sua espécie, e dos animais conforme a sua espécie, de todo o réptil da terra conforme a sua espécie, dois de cada espécie virão a ti, para os conservar em vida. 21 E leva contigo de toda a comida que se come e ajunta-a para ti; e te será para mantimento, a ti e a eles. 22 Assim fez Noé; conforme a tudo o que Deus lhe mandou, assim o fez.

Capítulo 7

1 Depois disse o SENHOR a Noé: Entra tu e toda a tua casa na arca, porque tenho visto que és justo diante de mim nesta geração. 2 De todos os animais limpos tomarás para ti sete e sete, o macho e sua fêmea; mas dos animais que não são limpos, dois, o macho e sua fêmea. 3 Também das aves dos céus sete e sete, macho e fêmea, para conservar em vida sua espécie sobre a face de toda a terra. 4 Porque, passados ainda sete dias, farei chover sobre a terra quarenta dias e quarenta noites; e desfarei de sobre a face da terra toda a substância que fiz. 5 E fez Noé conforme a tudo o que o SENHOR lhe ordenara. 6 E era Noé da idade de seiscentos anos, quando o dilúvio das águas veio sobre a terra. 7 Noé entrou na arca, e com ele seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos, por causa das águas do dilúvio. 8 Dos animais limpos e dos animais que não são limpos, e das aves, e de todo o réptil sobre

a terra, 9 Entraram de dois em dois para junto de Noé na arca, macho e fêmea, como Deus ordenara a Noé. 10 E aconteceu que passados sete dias, vieram sobre a terra as águas do dilúvio. 11 No ano seiscentos da vida de Noé, no mês segundo, aos dezessete dias do mês, naquele mesmo dia se romperam todas as fontes do grande abismo, e as janelas dos céus se abriram, 12 E houve chuva sobre a terra quarenta dias e quarenta noites. 13 E no mesmo dia entraram na arca Noé, seus filhos Sem, Cão e Jafé, sua mulher e as mulheres de seus filhos. 14 Eles, e todo o animal conforme a sua espécie, e todo o gado conforme a sua espécie, e todo o réptil que se arrasta sobre a terra conforme a sua espécie, e toda a ave conforme a sua espécie, pássaros de toda qualidade. 15 E de toda a carne, em que havia espírito de vida, entraram de dois em dois para junto de Noé na arca. 16 E os que entraram eram macho e fêmea de toda a carne, como Deus lhe tinha ordenado; e o SENHOR o fechou dentro. 17 E durou o dilúvio quarenta dias sobre a terra, e cresceram as águas e levantaram a arca, e ela se elevou sobre a terra. 18 E prevaleceram as águas e cresceram grandemente sobre a terra; e a arca andava sobre as águas. 19 E as águas prevaleceram excessivamente sobre a terra; e todos os altos montes que havia debaixo de todo o céu, foram cobertos. 20 Quinze côvados acima prevaleceram as águas; e os montes foram cobertos. 21 E expirou toda a carne que se movia sobre a terra, tanto de ave como de gado e de feras, e de todo o réptil que se arrasta sobre a terra, e todo o homem. 22 Tudo o que tinha fôlego de espírito de vida em suas narinas, tudo o que havia em terra seca, morreu. 23 Assim foi destruído todo o ser vivente que havia sobre a face da terra, desde o homem até ao animal, até ao réptil, e até à ave dos céus; e foram extintos da terra; e ficou somente Noé, e os que com ele estavam na arca. 24 E prevaleceram as águas sobre a terra cento e cinqüenta dias.

Capítulo 8

1 E lembrou-se Deus de Noé, e de todos os seres vivos, e de todo o gado que estavam com ele na arca; e Deus fez passar um vento sobre a terra, e aquietaram-se as águas. 2 Cerraram-se também as fontes do abismo e as janelas dos céus, e a chuva dos céus deteve-se. 3 E as águas iam-se escoando continuamente de sobre a terra, e ao fim de cento e cinqüenta dias mingüaram. 4 E a arca repousou no sétimo mês, no dia dezessete do mês, sobre os montes de Ararate. 5 E foram as águas indo e mingüando até ao décimo mês; no décimo mês, no primeiro dia do mês, apareceram os cumes dos montes. 6 E aconteceu que ao cabo de quarenta dias, abriu Noé a janela da arca que tinha feito. 7 E soltou um corvo, que saiu, indo e voltando, até que as águas se secaram de sobre a terra. 8 Depois soltou uma pomba, para ver se as águas tinham mingüado de sobre a face da terra. 9 A pomba, porém, não achou repouso para a planta do seu pé, e voltou a ele para a arca; porque as águas estavam sobre a face de toda a terra; e ele estendeu a sua mão, e tomou-a, e recolheu-a consigo na arca. 10 E esperou ainda outros sete dias, e tornou a enviar a pomba fora da arca. 11 E a pomba voltou a ele à tarde; e eis, arrancada, uma folha de oliveira no seu bico; e conheceu Noé que as águas tinham mingüado de sobre a terra. 12 Então esperou ainda outros sete dias, e enviou fora a pomba; mas não tornou mais a ele. 13 E aconteceu que no ano seiscentos e um, no mês primeiro, no primeiro dia do mês, as águas se secaram de sobre a terra. Então Noé tirou a cobertura da arca, e olhou, e eis que a face da terra estava enxuta. 14 E no segundo mês, aos vinte e sete dias do mês, a terra estava seca. 15 Então falou Deus a Noé dizendo: 16 Sai da arca, tu com tua mulher, e teus filhos e as mulheres de teus filhos. 17 Todo o animal que está contigo, de toda a carne, de ave, e de gado, e de todo o réptil que se arrasta sobre a terra, traze fora contigo; e povoem abundantemente a terra e frutifiquem, e se multipliquem sobre a terra. 18 Então saiu Noé, e seus filhos, e sua mulher, e as mulheres de seus filhos com ele. 19 Todo o animal, todo o réptil, e toda a ave, e tudo o que se move sobre a terra, conforme as suas famílias, saiu para fora da arca. 20 E edificou Noé um altar ao SENHOR; e tomou de todo o animal limpo e de toda a ave

limpa, e ofereceu holocausto sobre o altar. 21 E o SENHOR sentiu o suave cheiro, e o SENHOR disse em seu coração: Não tornarei mais a amaldiçoar a terra por causa do homem; porque a imaginação do coração do homem é má desde a sua meninice, nem tornarei mais a ferir todo o vivente, como fiz. 22 Enquanto a terra durar, sementeira e sega, e frio e calor, e verão e inverno, e dia e noite, não cessarão.

Capítulo 9

1 E abençoou Deus a Noé e a seus filhos, e disse-lhes: Frutificai e multiplicai-vos e enchei a terra. 2 E o temor de vós e o pavor de vós virão sobre todo o animal da terra, e sobre toda a ave dos céus; tudo o que se move sobre a terra, e todos os peixes do mar, nas vossas mãos são entregues. 3 Tudo quanto se move, que é vivente, será para vosso mantimento; tudo vos tenho dado como a erva verde. 4 A carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue, não comereis. 5 Certamente requererei o vosso sangue, o sangue das vossas vidas; da mão de todo o animal o requererei; como também da mão do homem, e da mão do irmão de cada um requererei a vida do homem. 6 Quem derramar o sangue do homem, pelo homem o seu sangue será derramado; porque Deus fez o homem conforme a sua imagem. 7 Mas vós frutificai e multiplicai-vos; povoai abundantemente a terra, e multiplicai-vos nela. 8 E falou Deus a Noé e a seus filhos com ele, dizendo: 9 E eu, eis que estabeleço a minha aliança convosco e com a vossa descendência depois de vós. 10 E com toda a alma vivente, que convosco está, de aves, de gado, e de todo o animal da terra convosco; com todos que saíram da arca, até todo o animal da terra. 11 E eu convosco estabeleço a minha aliança, que não será mais destruída toda a carne pelas águas do dilúvio, e que não haverá mais dilúvio, para destruir a terra. 12 E disse Deus: Este é o sinal da aliança que ponho entre mim e vós, e entre toda a alma vivente, que está convosco, por gerações eternas. 13 O meu arco tenho posto nas nuvens; este será por sinal da aliança entre mim e a terra. 14 E acontecerá que, quando eu trazer nuvens sobre a terra, aparecerá o arco nas nuvens. 15 Então me lembrarei da minha aliança, que está entre mim e vós, e entre toda a alma vivente de toda a carne; e as águas não se tornarão mais em dilúvio para destruir toda a carne. 16 E estará o arco nas nuvens, e eu o verei, para me lembrar da aliança eterna entre Deus e toda a alma vivente de toda a carne, que está sobre a terra. 17 E disse Deus a Noé: Este é o sinal da aliança que tenho estabelecido entre mim e entre toda a carne, que está sobre a terra. 18 E os filhos de Noé, que da arca saíram, foram Sem, Cão e Jafé; e Cão é o pai de Canaã. 19 Estes três foram os filhos de Noé; e destes se povoou toda a terra. 20 E começou Noé a ser lavrador da terra, e plantou uma vinha. 21 E bebeu do vinho, e embebedou-se; e descobriu-se no meio de sua tenda. 22 E viu Cão, o pai de Canaã, a nudez do seu pai, e fê-lo saber a ambos seus irmãos no lado de fora. 23 Então tomaram Sem e Jafé uma capa, e puseram-na sobre ambos os seus ombros, e indo virados para trás, cobriram a nudez do seu pai, e os seus rostos estavam virados, de maneira que não viram a nudez do seu pai. 24 E despertou Noé do seu vinho, e soube o que seu filho menor lhe fizera. 25 E disse: Maldito seja Canaã; servo dos servos seja aos seus irmãos. 26 E disse: Bendito seja o SENHOR Deus de Sem; e seja-lhe Canaã por servo. 27 Alargue Deus a Jafé, e habite nas tendas de Sem; e seja-lhe Canaã por servo. 28 E viveu Noé, depois do dilúvio, trezentos e cinqüenta anos. 29 E foram todos os dias de Noé novecentos e cinqüenta anos, e morreu.

Capítulo 10

1 Estas, pois, são as gerações dos filhos de Noé: Sem, Cão e Jafé; e nasceram-lhes filhos depois do dilúvio. 2 Os filhos de Jafé são: Gomer, Magogue, Madai, Javã, Tubal, Meseque e Tiras. 3 E os filhos de Gomer são: Asquenaz, Rifate e Togarma. 4 E os filhos de Javã são: Elisá, Társis, Quitim e Dodanim. 5 Por estes foram repartidas

as ilhas dos gentios nas suas terras, cada qual segundo a sua língua, segundo as suas famílias, entre as suas nações. 6 E os filhos de Cão são: Cuxe, Mizraim, Pute e Canaã.

7 E os filhos de Cuxe são: Sebá, Havilá, Sabtá, Raamá e Sabtecá; e os filhos de Raamá: Sebá e Dedã. 8 E Cuxe gerou a Ninrode; este começou a ser poderoso na terra. 9 E este foi poderoso caçador diante da face do SENHOR; por isso se diz: Como Ninrode, poderoso caçador diante do SENHOR. 10 E o princípio do seu reino foi Babel, Ereque, Acade e Calné, na terra de Sinar. 11 Desta mesma terra saiu à Assíria e edificou a Nínive, Reobote-Ir, Calá, 12 E Resen, entre Nínive e Calá (esta é a grande cidade). 13 E Mizraim gerou a Ludim, a Anamim, a Leabim, a Naftuim, 14 A Patrusim e a Casluim (donde saíram os filisteus) e a Caftorim. 15 E Canaã gerou a Sidom, seu primogênito, e a Hete; 16 E ao jebuseu, ao amorreu, ao gurgaseu, 17 E ao heveu, ao arqueu, ao sineu, 18 E ao arvadeu, ao zemareu, e ao hamateu, e depois se espalharam as famílias dos cananeus. 19 E foi o termo dos cananeus desde Sidom, indo para Gerar, até Gaza; indo para Sodoma e Gomorra, Admá e Zeboim, até Lasa. 20 Estes são os filhos de Cão segundo as suas famílias, segundo as suas línguas, em suas terras, em suas nações. 21 E a Sem nasceram filhos, e ele é o pai de todos os filhos de Eber, o irmão mais velho de Jafé. 22 Os filhos de Sem são: Elão, Assur, Arfaxade, Lude e Arã. 23 E os filhos de Arã são: Uz, Hul, Geter e Más. 24 E Arfaxade gerou a Selá; e Selá gerou a Éber. 25 E a Éber nasceram dois filhos: o nome de um foi Pelegue, porquanto em seus dias se repartiu a terra, e o nome do seu irmão foi Joctã. 26 E Joctã gerou a Almodá, a Selefe, a Hazarmavé, a Jerá, 27 A Hadorão, a Usal, a Dicla, 28 A Obal, a Abimael, a Sebá, 29 A Ofir, a Havilá e a Jobabe; todos estes foram filhos de Joctã. 30 E foi a sua habitação desde Messa, indo para Sefar, montanha do oriente. 31 Estes são os filhos de Sem segundo as suas famílias, segundo as suas línguas, nas suas terras, segundo as suas nações. 32 Estas são as famílias dos filhos de Noé segundo as suas gerações, nas suas nações; e destes foram divididas as nações na terra depois do dilúvio.

Texto 2: A Arca de Noé (Ruth Rocha)

Esta história é muito,
Muito antiga.
Eu li
Num livrão grande do papai,
Que se chama Bíblia.
É a história de um homem chamado Noé.

Um dia, Deus chamou Noé.
E mandou que ele construísse
Um barco bem grande.
Não sei por quê,
Mas todo mundo chama esse barco
De Arca de Noé.
Deus mandou
Que ele pusesse dentro do barco
Um bicho de cada qualidade.

Um bicho, não. Dois.
Um leão e uma leoa...
Um macaco e uma macaca...
Um caititu e uma caititoa...
Quer dizer, caititoa não,
Que eu nem sei se isso existe.
E veio tudo que foi bicho.

Girafa, com um pescoço
Do tamanho de um bonde...

Tinha tigre de bengala.
Papagaio que até fala.
E tinha onça-pintada.
Arara dando risada,
Que era ver uma vitrola!
E um casal de tatu-bola...

Bicho d'água, isso não tinha,
Nem tubarão, nem tainha,
Procurando por abrigo.
Nem peixe-boi nem baleia,
Nem arraia nem lampreia,
Que não corriam perigo...

E zebra, que parece cavalo de pijama...
E pavão, que parece um galo
Fantasiado pra baile de carnaval.
E cobra, jacaré, elefante...
E paca, tatu e cutia também.
E passarinho de todo jeito.
Curió, bem-te-vi, papa capim...

E inseto de todo tamanho.
Formiga, joaninha, louva-a-deus...
Eu acho que Noé
Devia Ter deixado fora
Tudo que é bicho enjoado,
Como pulga, barata e pernilongo,
Que faz fiuuuumm no ouvido da gente.
Mas ele não deixou.
Levou tudo que foi bicho.

Tinha peru, tinha pato.
Tinha vespa e carrapato.
Avestruz, carneiro, pinto...
Tinha até ornitorrinco.
Urubu, besouro, burro.
Gafanhoto, grilo, gato.
Tinha abelha, tinha rato...

Quando a bicharada
Estava toda embarcada,
E mais a família do Noé todinha,
Começou a cair uma chuarada.
Mas não era uma chuarada
Dessas que caem agora.
Você já viu uma cachoeira?
Pois era igualzinho
A uma cachoeira caindo,
Caindo, que não acabava mais.

Parecia o Rio Amazonas despencando.

E aquela água foi cobrindo tudo, tudo.
Cobriu as terras, cobriu as plantas, cobriu as árvores, cobriu as montanhas.
Só mesmo a Arca de Noé, que boiava em cima das águas, é que não ficou coberta.

E mesmo depois
Que passou a tempestade
Ficou tudo coberto de água.
E passou muito tempo.
Todo mundo estava enjoado
De ficar preso dentro da Arca,
Sem poder sair nem um bocadinho.

Os bichos até começaram a brigar.
Que nem criança,
Que fica muito tempo dentro de casa
E já começa a implicar com os irmãos.
O gato e o rato
Começaram a brigar nesse tempo
E até hoje não fizeram as pazes.

Até que um dia...
Veio vindo um ventinho lá de longe.
E as águas começaram a baixar.
E foram baixando, baixando...

E Noé teve uma idéia.
Mandou o pombo
Dar uma volta lá fora
Para ver como estavam as coisas.
Os pombos são ótimos para isso.
Eles sabem ir e voltar dos lugares,
Sem se perder, nem nada.

Por isso é que Noé escolheu o pombo
Para esse trabalho.
O pombo foi e voltou
Com uma folhinha no bico.

E Noé ficou sabendo
Que as terras já estavam aparecendo.
E as águas foram baixando
Mais e mais...

Então a Arca pousou
Sobre um monte.
E todo mundo pôde sair
E todo mundo ficou contente.
E todos se abraçaram
E cantaram.

E Deus pendurou no céu
Um arco colorido,
Todo de listras.

E esse arco queria dizer

Que Deus era amigo dos homens,
E que nunca mais
la chover assim na terra.
Você já viu, depois da chuva,
O arco-íris redondinho no céu?
Pois é pra sossegar a gente.
Pra gente nunca mais
Ter medo da chuva!

Texto 3: Arca de ninguém (Mariana Caltabiano)

Há muitos e muitos anos, houve uma enorme enchente na terra. Um homem chamado Noé construiu uma arca para salvar os animais.

Essa história todo mundo conhece. O que ninguém sabe é que Noé teve muitos problemas para convencer os bichos a entrar na arca. Eles não queriam se misturar.

Os macacos queriam viajar na primeira classe, pois se achavam mais espertos que os outros bichos.

Nenhum bicho queria viajar com os porcos por causa do mau cheiro.

Os ratos tinham medo dos gatos. E os gatos dos cachorros.

Ninguém queria dormir com as galinhas, porque elas acordavam muito cedo.

Os tigres achavam os leões metidos por serem os reis da selva.

As girafas se sentiam superiores e não queriam baixar o nível para falar com os outros.

O mico-leão-dourado era minoria e tinha mania de perseguição.

Os pingüins estavam mais perdidos que cachorro em dia de mudança. E eram os únicos que vestiam casaca.

Todos tinham raiva das hienas, que morriam de rir até em um momento daqueles.

As abelhas achavam as formigas o fim da picada.

As araras e os papagaios não se bicavam.

Os animais não percebiam que o mundo ia acabar e eles continuavam discutindo. Então Noé pediu a eles que parassem de agir como os humanos e esquecessem suas diferenças pelo menos naquele dia.

O elefante disse que era impossível esquecer, por causa da sua memória indiscutivelmente grande.

O macaco, que é o bicho mais parecido com o homem, falou que aquilo era conversa para boi dormir e fez pouco caso da água que não parava de cair.

Só que a água subiu, subiu e nem a coruja deu mais um piu.

Quando os animais perceberam que não tinham saída, subiram todos na arca.

Lá dentro, eles viram que conviver não era nenhum bicho-de-sete-cabeças. Afinal, apesar das diferenças, estavam todos no mesmo barco. E ali ninguém era melhor do que ninguém.

Texto 4: Musica: A Arca de Noé (Vinícius de Moraes – Toquinho)

Sete em cores, de repente
O arco-íris se desata
Na água límpida e contente
Do ribeirão da mata.

O sol, ao véu transparente
Da chuva de ouro e de prata
Resplandece resplendente
No céu, no chão, na cascata.

E abre-se a porta da arca
Lentamente surgem francas
A alegria e as barbas brancas
Do prudente patriarca.

Vendo ao longe aquela serra
E as planícies tão verdinhas
Diz Noé: que boa terra
Pra plantar as minhas vinhas.

Ora vai, na porta aberta
De repente, vacilante
Surge lenta, longa e incerta
Uma tromba de elefante.

E de dentro do buraco
De uma janela aparece
Uma cara de macaco
Que espia e desaparece.

"Os bosques são todos meus!"
Ruge soberbo o leão
"Também sou filho de Deus!"
Um protesta; e o tigre — "Não!"

A Arca desconjuntada
Parece que vai ruir
Aos pulos da bicharada
Toda querendo sair.

Afinal com muito custo
Em longa fila, aos casais
Uns com raiva, outros com susto
Vão saindo os animais.

Os maiores vêm à frente
Trazendo a cabeça erguida
E os fracos, humildemente

Vêm atrás, como na vida.

Longe o arco-íris se esvai
E desde que houve essa história
Quando o véu da noite cai
Erguem-se os astros em glória

Enchem o céu de seus caprichos.
Em meio à noite calada
Ouve-se a fala dos bichos
Na terra repovoada.

Filme: A Era do Gelo

Sinopse: Em plena Era Glacial, um grupo de animais, incluindo um tigre dentes-de-sabre, um mamute e algumas preguiças gigantes, encontra uma criança perdida. Juntos, eles decidem procurar a família do menino, para que possam devolvê-lo.

Ficha Técnica

Título Original: Ice Age

Gênero: Animação

Tempo de Duração: 115 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 2002

Estúdio: Fox Animation Studios / Blue Sky Studios

Distribuição: 20th Century Fox Film Corporation

Direção: Chris Wedge

Roteiro: Peter Ackerman, Michael Berg e Michael Wilson

Produção: Lori Forte

Música: David Newman

Edição: John Carnochan

Anexo 2: Exemplo de textos produzidos por um dos grupos compostos de 5 ou 6 alunos.

Resumo 1 do texto bíblico *Arca de Noé*: após a leitura do texto mais formal

A arca de Noé

Deus falou para Noe construir uma arca e levar um casau de cada animal ele falou com uns homens para irem para dentro da arca que ia acontecer um dilúvio. Eles não acreditaram. O dia do dilúvio chegou e os homens que não acreditaram em Noé e morreram afogados, e o dilúvio durou 40 dias.

Deus falou com Noe que o arco-iris simboliza a aliança de todo seres vivos na terra com Noe.

Resumo 2: Após leituras e análises dos textos bíblicos nas versões formal e mais atualizada

A arca de Noé

Quando os homens tiveram filhas, os filhos de Deus viram que elas eram belas. E as escolheram como esposas as que eles mais admiravam. Javé tinha outra opinião, pois ela não queria que a filha dele se junta-se com um homem.

Javé viu que havia muita maldade no coração do homem e arrependeu de ter criado o homem e desidiu acabar com o homem Mas Noé viu que o homem não era tão ruim. Noé era um homem bom, justo e honesto.

Deus iria mandar uma um dilúvio para matar a todos. Noé o pediu que não madar o dilúvio, então Deu o pediu para fazer uma arca com sua família.

Noé a construiu a arca com sua família sem, Cam, Jafé e sua mulher

Ele ficou muito tempo construindo a arca Até que ele a terminou. Noé colocou um casal de cada animal na arca. Ele navegou quarenta dias e quarenta noites.

Depois de muito navegar ele jogou uma pomba para ver se ela iria achar Terra firme.

E finalmente ele conseguiu avistar a terra, e foi assim que Noé salvou a todos.

Texto final de versão a partir da história da Arca de Noé

A Arca fantasma

Antes do tempo do era uma vez, aconteceu uma história muito interessante. Deus resolveu destruir todo o mundo com uma grande chuva. Mas Noé foi convidado a construir uma arca para salvar a ele, sua família e alguns animais.

Quando finalmente chegou o dia do dilúvio, Noé entrou com sua família e com os animais para ficarem dentro daquela grande caixa um bom tempo.

Só que na arca não havia muito o que fazer e os bichos foram ficando meio chateados... Os animais ferozes ficavam mais ferozes ainda... Noé foi ficando preocupado.

Um dia, Noé levantou-se depois de um cochilo após o almoço, olhou pela janelinha e viu que ainda chovia. Mas ele não ouviu nenhum ronco, piado, mugido ou chiado de nenhum dos animais. Procurou sua família e ninguém apareceu.

Noé procurou por sua família e pelos bichos e, nada! O velhinho ficou só ouvindo o barulho do vento e dos trovões e relâmpagos da chuva lá fora. Ele sentiu um medão danado, mesmo assim continuou procurando por alguém. Nada de encontrar... A arca estava abandonada igual a um navio fantasma.

Noé sentia um friozinho na barriga quando decidiu decer na parte mais baixa da arca... Já estava imaginando o pior quando ouviu um grito muito estrondoso que quase fez a arca se partir ao meio:

_ Surpresa! Noé quase morreu do coração, mas foi se recuperando quando viu a grande festa que a bicharada havia preparado. Sua esposa havia feito um enorme bolo e o resto da família ajudou com os docinhos e salgadinhos. Tinha muito suco de uva também para beber. Os bichos também ajudaram enfeitando a arca.

Naquele dia foi quase uma festa de carnaval com muita dança, comida e bebida. Os animais montaram uma banda para tocarem pagode até que o sol aparecesse de novo.

Foi uma grande festa em homenagem a Noé. Nem ele se lembrava de aquele era o dia de seu sexcentésimo aniversário... Também, 600 anos de vida é meio difícil de ainda se lembrar...

Anexo 3 – Fotos tiradas durante a realização da experiência



Leitura coletiva do texto bíblico.



Resumo do texto bíblico em grupo.



Primeira versão do texto final.



Revisão do texto entre os grupos de trabalho.



Aluno no processo de reescrita.

Anexo 4: Consentimento livre e esclarecido

Em cumprimento ao protocolo da pesquisa “*DIVERSIDADE DE GÊNEROS x UNIDADE TEMÁTICA: PRÁTICA DE PRODUÇÃO DE TEXTOS*”, de André Luiz Amâncio de Sousa – aluno do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino de Leitura e Produção de textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – realizada no ano de 2012, na Escola Municipal “Professor Domingos Diniz”, da Rede de Ensino da Prefeitura de Contagem – MG, e dando continuidade ao tratamento ético dos dados, solicito a autorização dos pais ou responsáveis dos alunos envolvidos no estudo para utilização de imagens obtidas por meio de fotografias e filmagens na produção do relatório de pesquisa. Essas imagens serão utilizadas para fins estritamente científicos ligados a esta pesquisa.

Atenciosamente,

André Luiz Amancio de Sousa

Eu, _____, responsável pelo (a) aluno (a) _____, autorizo a utilização das imagens de meu filho (a) na produção da pesquisa “*DIVERSIDADE DE GÊNEROS x UNIDADE TEMÁTICA: PRÁTICA DE PRODUÇÃO DE TEXTOS*”, realizada por André Luiz Amancio de Sousa, no ano de 2012, na Escola Municipal “Professor Domingos Diniz” da Prefeitura Municipal de Contagem.

Assinatura do (a) responsável: _____

RG: _____ Data: _____